



literatura
livre

Hōjōki
Anotações na solidão
da cabana

KAMO NO CHŌMEI

Hōjōki (1212)

Tradução: Nana Yoshida

Edição bilíngue:
PORTUGUÊS • JAPONÊS

Sesc

— •
literatura
livre

Hōjōki — Anotações na solidão da cabana

Kamo no Chōmei

Edição Bilingue

Sesc **mojo**^{org}

— •
literatura
livre

Hōjōki — Anotações na solidão da cabana

Kamo no Chōmei

Tradução:
Nana Yoshida

Edição Bilingue
Português-Japonês

Sesc **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

K157 Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216)
Hōjōki — Anotações na solidão da cabana / Kamo no Chōmei.
Tradução de Nana Yoshida. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022.
(Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: (Hōjōki ou 方丈記, 1212). Edição bilingue Português / Japonês.

ISBN 978-65-89008-27-9

1. Literatura Japonesa. 2. Crônica. 3. Questões Sociais. 4. História do Japão Medieval. 5. Monge Budista. 6. Relacionamento do Homem com a Natureza. I. Título. II. Hōjōki. III. Série. IV. Yoshida, Nana, Tradutora. V. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. VI. Literatura Livre. VII. Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216).

CDU 821.5

CDD 895

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Prefácio à tradução de Hōjōki¹ —Em busca do coração de Chōmei

Kamo no Chōmei 鴨長明 (ou Kamo no Nagaakira) parecia ter o seu destino traçado, ao nascer numa tradicional família que herdara o direito à guarda do importante santuário xintoísta Shimogamo. Desde a sua juventude, dedicou-se à atividade poética e à música, mas levado pelas vicissitudes da vida, na derradeira etapa de sua existência, afastou-se da sociedade e tornou-se um retirado budista, *inja* 隱者, praticando o isolamento e morando em rústicas cabanas no interior da montanha.

1 Com relação ao título, preferiu-se manter o título original acrescido de um subtítulo, em substituição à tradução literal de Hōjōki, “Anotações no recinto de nove metros quadrados”

Foi durante o seu retiro, na solidão da cabana, que Chōmei escreveu *Hōjōki* 方丈記. Suas reflexões sobre a transitoriedade, *mujō* 無常, enfocando o homem e sua moradia, leva-o a buscar o seu “recanto próprio”, *ibasho* 居場所.

A correnteza do rio que flui não para...

Yuku kawano nagerewa taezushite...

ゆく河の流れは絶えずして...

Ao trazer na abertura da obra a imagem do fluir do rio, Chōmei talvez tivesse em mente o rio Kamogawa 鴨川 que se estendia pela Capital Heiankyō, a atual cidade de Kyoto, e nos faz lembrar de um de seus poemas incluído na Antologia Poética Imperial *Shinkokin Wakashū* 新古今和歌集 (poema 1894):

Águas cristalinas do rio Semino Ogawa de Ishikawa

Até a Lua busca sua correnteza para lá abrigar o seu reflexo

Ishikawaya Semino Ogawano kiyokereba tsukimo

nagareo tazunetezo sumu

石川や瀬見の小川の 清ければ

月も流れを 尋ねてぞすむ

Hōjōki, escrito em 1212, alcançou nossos dias sob a forma de diversos manuscritos. Para a presente tradução, buscou-se um texto digitalizado mais próximo da edição denominada Daifukukōjibon 大福光寺本 (1244), considerada a cópia manuscrita mais antiga e utilizada como referência nos estudos sobre a obra. Naturalmente, tratando-se de um original escrito há mais de 800 anos, os estudiosos japoneses fizeram adaptações para que se tornasse acessível aos leitores de hoje. Além das adaptações realizadas no texto clássico como a colocação de pontuações, divisão em parágrafos ou sistema de escrita, muitos livros trazem também o texto correspondente em língua japonesa moderna. Os textos originais em Japonês utilizados nesta tradução, bem como os estudos interpretativos da obra nas quais nos baseamos encontram-se indicados na referência bibliográfica.

Para uma melhor visualização e acessibilidade do texto japonês, efetuamos adaptações que nos pareceram necessárias como a colocação de *furigana*, ou seja, a leitura dos *kanji*, os ideogramas de origem chinesa utilizados pelos japoneses. Optamos também por manter a escrita vertical original.

Assim, o percurso para se alcançar o escrito de Chōmei foi longo, mas esperamos ter conseguido transmitir não somente o que as letras dizem, mas principalmente o que o coração de Chōmei quis nos dizer.

Nana Yoshida

Hōjōki — Anotações na solidão da cabana

1. A correnteza do rio que flui não para 11
2. Eu, desde que comecei a entender
o significado das coisas 13
3. Então, novamente por volta do mês
da flor de dêutzia, do quarto ano da Era Jishō 17
4. Ainda por volta do “mês sem água”,
do mesmo quarto ano da Era Jishō 19
5. Por essa época, devido a
compromissos particulares 23
6. E ainda, foi presumivelmente na Era Yōwa 27
7. O primeiro ano se encerrou 29
8. O monge Ryūgyō do templo Ninnaji 33
9. Foi ainda provavelmente na mesma época 35
10. Viver neste mundo é penoso 39
11. Herdei a casa de minha avó paterna 41
12. Agora, após retirar-me para
o interior do Monte Hino 45

13. Na primavera, vê-se o mar de glicínias	47
14. Há, ainda, no sopé do monte, uma rústica cabana ...	51
15. A propósito, quando comecei a morar neste lugar...	55
16. Em princípio, quando se trata de amigos	57
17. O mesmo pode-se dizer quanto à vestimenta e aos víveres	59
18. Pois bem, minha existência está perto do fim	61
<i>Referências bibliográficas</i>	63

方丈記	67
-----------	----

Manifesto pela democratização do domínio público	94
Literatura Livre	95
Instituto Mojo	96
Ficha técnica	97

1. A CORRENTEZA DO RIO QUE FLUI NÃO PARA

A correnteza do rio que flui não para e, outrossim, não se trata da mesma água. As bolhas d'água que flutuam no remanso, ora se desfazem, ora se formam, não havendo uma que seja duradoura. Os homens e as moradias deste mundo seguem igual curso.

No interior da reluzente capital,¹ as moradias luxuosas ou humildes que se erguem lado a lado, e cujos telhados disputam as alturas, parecem perenes, atravessando gerações. Ao verificar, no entanto, a veracidade de tal fato, raras são as casas que lá estão, desde os tempos remotos. Ora foram destruídas pelo fogo no ano anterior e, no presente ano, reconstruídas. Ora mansões sucumbiram, dando lugar a humildes moradias.

1 Refere-se à antiga capital Heiankyō 平安京 (atual cidade de Kyoto), construída sob os moldes da capital Chang'an de Tang, antiga dinastia da China.

O mesmo se verifica com seus moradores. É o mesmo lugar, muitas são as pessoas. Entre as vinte ou trinta, no entanto, conhecidas apenas uma ou duas. A lei da vida que dita a morte ao amanhecer e o nascimento ao entardecer, assemelha-se à bolha d'água.

Ignoro. De onde vem e para onde vai o homem que nasce e morre? Também ignoro. Para quem construímos a moradia provisória à custa de tanta preocupação e por qual motivo nos alegamos com sua vista? A disputa pela impermanência² entre o dono e sua moradia assemelha-se à do orvalho que se forma na ipomeia. Ora o orvalho cai e resta a flor. Resta, porém, somente até o primeiro raiar do sol. Ora murcha a flor e permanece o orvalho. Mesmo assim, este jamais aguardará o entardecer.

2 Refere-se ao termo budista *mujō* 無常, denominado *anitya* em sânscrito.

2. EU, DESDE QUE COMECEI A ENTENDER O SIGNIFICADO DAS COISAS

Eu, desde que comecei a entender o significado das coisas, vivi mais de quarenta primaveras e outonos, período em que me deparei com diversos mistérios deste mundo.

Foi, penso eu, no terceiro ano da Era Angen,³ no dia 28 do quarto mês. Numa noite inquietante de fortes ventos, perto da hora do cão,⁴ o fogo teve início a sudeste da capital e alcançou a parte noroeste. Acabou atingindo o Portal

3 Terceiro ano da Era Angen 安元 corresponde ao ano 1177 do calendário gregoriano. O Japão possui um modo particular de contagem de tempo denominado *nengō* 年号, em que o ano é indicado pela combinação do nome e do ano da respectiva era.

4 Antigamente, o horário era indicado pelos animais do zodíaco chinês. A “hora do cão” corresponde às 20h.

Suzaku,⁵ o Salão Daikoku,⁶ a Escola Superior dos Nobres,⁷ o Ministério dos Assuntos Cívicos⁸ que, numa noite, transformaram-se em cinzas. Disseram que o fogo teve origem nas proximidades do cruzamento entre as ruas Higuchi e Tomi. Teria começado de uma estalagem provisória de dançarinos.

À mercê do vento que soprava sem rumo, o fogo se alastrou em formato de leque. As casas ao longe pareciam estar tomadas pela fumaça e as que se encontravam próximas ao foco do incêndio golfavam violentas labaredas em direção ao solo. As cinzas sopradas pelo vento refletiam num tom carmesim o brilho do fogo, tingindo o céu; e as chamas entrecortadas pelo vento se propagavam, sobrevoando uma, duas quadras adiante. Provavelmente, as pessoas que lá se encontravam estavam totalmente aturdidas. Ora tombavam,

5 O Portal Suzaku (ou Shushaku), Suzakumon 朱雀門, era o principal portal de entrada para o Palácio Imperial que ficava localizado no extremo norte da Avenida Suzaku, Suzaku Ōji 朱雀大路, via principal da capital Heiankyō.

6 Salão Daikoku refere-se a Daikokuden (ou Daigokuden) 大極殿, o edifício central da Ala Cerimonial do Palácio Imperial, onde eram realizadas as principais cerimônias palacianas como a entronização, a Festividade do Ano Novo etc.

7 Escola Superior dos Nobres (Daigakuryō 大学寮) era a instituição superior imperial para a formação de oficiais do governo. Ficava a sudeste do Portal Suzaku.

8 Ministério do Assuntos Cívicos, Minbushō 民部省, era a repartição do governo localizada a sudeste do Salão Daikoku.

sufocadas pela fumaça, ora desmaiavam e acabavam morrendo em seguida. Outras conseguiram se salvar só com a roupa do corpo, não alcançando levar seus bens e perdendo tesouros preciosos que viraram cinzas. Quão grande não teria sido o prejuízo? Naquela ocasião, dezesseis residências de altos dignitários foram destruídas pelo fogo. Acerca das demais casas, impossível saber quantas foram. Diz-se que um terço de toda a capital teria sucumbido ao incêndio. Houve dezenas⁹ de mortes entre homens e mulheres e o número de cavalos e bois mortos era incalculável.

Dentre os empreendimentos do homem, todos tolos, nenhum é mais inútil que construir casas no interior desta perigosa capital, gastando fortunas e atormentando-se.

9 Existem outras edições que falam em centenas ou até milhares de mortes.

3. ENTÃO, NOVAMENTE POR VOLTA DO MÊS DA FLOR DE DÊUTZIA, DO QUARTO ANO DA ERA JISHŌ

Então, novamente por volta do mês da flor de dêutzia,¹⁰ do quarto ano da Era Jishō,¹¹ na altura do cruzamento entre as avenidas Nakamikado e Kyōgoku, formou-se um forte tornado que se alastrou até as proximidades da Avenida Rokujō. Enquanto ia varrendo três, quatro quadras, carregava junto as casas que encontrava pela frente, não restando uma só, grande ou pequena, que não tivesse sofrido danos. Algumas simplesmente desabaram. Havia também outras das quais só restaram as vigas e as colunas. O tornado

10 Os meses do calendário antigo japonês faziam referência às estações do ano ou aos eventos sazonais. Neste caso, refere-se a *uzuki* 卯月, “mês da flor de dêutzia” ou ao quarto mês do calendário lunar.

11 Quarto ano da Era Jishō 治承 corresponde ao ano de 1180.

carregou portões a quatro ou cinco quadras adiante ou derrubou cercas que delimitavam terrenos vizinhos. Desnecessário dizer que todos os bens que estavam no interior das casas foram lançados ao céu, e materiais como cascas de ciprestes ou tábuas utilizadas para cobrir os telhados rodopiavam no céu como folhas secas de inverno sopradas pelo vento. Não se via nada, pois o vento levantava a poeira como se fosse fumaça. O som ensurdecedor do vento impedia que se ouvisse a voz das pessoas. Chegava-se a pensar que nem mesmo aquele vendaval que dizem soprar no inferno budista teria tal violência. Os prejuízos não foram só materiais, havendo inúmeras pessoas que sofreram acidentes enquanto tentavam consertar suas casas e assim ficaram feridas ou se tornaram deficientes. Aquele vendaval se deslocou na direção sul-sudoeste, causando a lamentação de muitas pessoas.

Tornados ocorrem sempre, mas haveria algum tão violento como aquele? Era algo anormal e temia-se que fosse um presságio dos deuses e de Buda.

4. AINDA POR VOLTA DO “MÊS SEM ÁGUA”, DO MESMO QUARTO ANO DA ERA JISHŌ

Ainda por volta do “mês sem água”,¹² do mesmo quarto ano da Era Jishō, realizou-se a repentina transferência da capital. Foi um acontecimento totalmente inesperado.

De maneira geral, o que se ouvia sobre a capital era que o seu estabelecimento ocorrera na época do imperador Saga,¹³ após o que são transcorridos mais de quatrocentos anos.¹⁴

12 *Minazuki* 水無月 refere-se ao sexto mês do calendário lunar.

13 A transferência da capital de Heijōkyō 平城京 (Nara) para Heiankyō (Kyoto) deu-se em 794, na época do imperador Kanmu 桓武 (reinado de 781–806), mas em 810 houve um fracassado complô palaciano, no sentido de retornar a capital para Heijōkyō. Assim, pode-se considerar que o estabelecimento definitivo da capital Heiankyō ocorre, portanto, no reinado do imperador Saga 嵯峨 (809–823).

14 Na realidade, são transcorridos cerca de 400 anos.

Somente um motivo muito grave explicaria tal mudança, o que justificava a grande apreensão e preocupação das pessoas.

Entretanto, os comentários inquietantes não deram em nada; e todos, tendo à frente o imperador, bem como os ministros e altos dignitários, transferiram-se para a nova capital. Ninguém que tivesse um cargo público permaneceu na antiga capital. Todos aqueles que almejavam postos ou graus hierárquicos, e que para isso dependiam de seus senhores, esforçaram-se para fazer a imediata transferência. Aqueles que perderam as oportunidades de ascensão, e excluídos da sociedade não possuíam qualquer expectativa quanto ao futuro, permaneceram na antiga capital, amargurados. As moradias que disputavam as alturas dos telhados iam-se deteriorando a cada dia. As casas eram demolidas e as partes reaproveitáveis flutuavam no rio Yodogawa para serem transportadas, e os terrenos que antes as comportavam se transformavam rapidamente em campos de cultivo. A mentalidade se modificou e as pessoas passaram a valorizar somente o cavalo e a sela.¹⁵ Não havia mais quem utilizasse o

15 A carruagem de boi, *gissha* 牛車, era o transporte utilizado pela nobreza de Heian, mas o cavalo passou a ser utilizado para o deslocamento da classe guerreira em ascensão.

boi e a carruagem. Almejavam as terras a sudoeste do país¹⁶ e não havia quem quisesse as grandes propriedades privadas¹⁷ da região nordeste.

16 Abrange a região Central, a região de Kyūshū 九州 e a região de Shikoku 四国, ao sul.

17 Refere-se aos *shōen* 莊園, grandes propriedades privadas pertencentes aos nobres e aos templos.

5. POR ESSA ÉPOCA, DEVIDO A COMPROMISSOS PARTICULARES

Por essa época, devido a compromissos particulares, estive na nova capital¹⁸ no país de Tsu.¹⁹ Observando o seu aspecto, constatei que o lugar era estreito, inadequado para comportar o traçado das quadras no sentido Norte-Sul e Leste-Oeste próprio de uma capital.²⁰ O Norte era mais elevado, acompanhando as montanhas; o Sul ficava próximo ao mar, portanto mais baixo. O barulho das ondas soava incessante e ruidosamente e a brisa do mar soprava

18 Refere-se a Fukuhara 福原 (atual Fukuharachō, na cidade de Kōbe 神戸).

19 País de Tsu, *Tsu no kuni* 津の国, antiga denominação da localidade que abrange a atual região que fica ao norte da província Ōsaka 大阪 e a sudeste de Hyōgo 兵庫.

20 As ruas e avenidas da capital Heiankyō cruzavam-se perpendicularmente no sentido norte — sul e leste — oeste, formando um traçado que se assemelhava a uma grelha.

especialmente forte. Localizado em meio à montanha, o palácio imperial nos fazia imaginar se aquele palácio de toras²¹ não teria tal aspecto, e essa inesperada rusticidade não deixava de ter sua elegância.

As casas, demolidas por seguidos dias e transportadas ao longo do rio que ficara repleto delas, onde teriam sido reconstruídas? As áreas desabitadas se estendem e poucas são as casas construídas. A antiga capital já se encontra deteriorada e a nova, ainda por ser erguida. Todas as pessoas, sem exceção, sentiam-se inseguras como fugazes nuvens flutuantes. Aqueles que lá moravam desde o início tiveram suas propriedades confiscadas e se lamentavam. Aqueles que para lá se transferiram se queixavam das dificuldades das construções. Observando-se as ruas, aqueles que deveriam se utilizar de carruagens estavam a cavalo, aqueles que deveriam estar vestidos com trajes palacianos usavam, em grande parte, trajes simples próprios dos guerreiros.²² Os

21 Refere-se ao palácio provisório de toras naturais construído pela imperatriz Saimei 齊明 (654 – 660), em Chikuzen 筑前 (atual província de Fukuoka 福岡), na ocasião em que para lá se dirigia, acompanhando os soldados em campanha contra o reino coreano de Silla.

22 A época em que Chōmei viveu coincide com o período de transição da classe da nobreza da época Heian e a classe dos guerreiros *bushi* 武士, cujo poder se consolida com o estabelecimento do xogunato de Kamakura, *Kamakura Bakufu* 鎌倉幕府, em 1192.

costumes da capital modificaram-se repentinamente, em nada diferindo com os dos guerreiros provincianos.

Os rumores de que as conturbações sociais estavam por vir iam-se confirmando com o passar dos dias, trazendo inquietação geral. A apreensão da população tornara-se realidade e, no inverno daquele mesmo ano, acabaram tendo de retornar à antiga capital. Mas o que teria acontecido com as casas que foram demolidas e transportadas pelo rio, já que as reconstruir como dantes era impossível?

Conta-se que nos antigos reinados de virtuosos soberanos, o país era governado baseado na compaixão. Ou seja, o telhado do palácio era de palha e seus beirais sem aparas e, diante das fumaças que rareavam nas chaminés do povoado,²³ até mesmo os tributos eram perdoados. Tratava-se de um gesto de benevolência ao povo e desejo de melhorar o mundo. Quanto à situação atual, se comparada ao passado, sabemos como está.

23 Alusão ao imperador Nintoku 仁徳 que reinou na primeira metade do século 5. Consta que o imperador isentou a cobrança de tributos, diante do sofrimento da população com a carência de alimentos (a falta de fumaça significava que o povo não tinha o que cozinhar).

6. E AINDA, FOI PRESUMIVELMENTE NA ERA YŌWA

E ainda, foi presumivelmente na Era Yōwa,²⁴ a memória me falha, pois são decorridos muitos anos. Houve um período de carência de víveres que se prolongou por dois anos, com a ocorrência de acontecimentos inacreditáveis. Castigados por sucessivas calamidades, ora estiagem na primavera e verão, ora vendaval e inundação no outono, nenhum cereal vingou. O cultivo na primavera e o plantio no verão foram em vão, não resultaram na alegria da colheita no outono e do armazenamento no inverno. Com isso, a população de diversas províncias, ora atravessaram suas fronteiras, afastando-se de suas terras, ora abandonaram suas casas, indo morar nas montanhas. Iniciaram-se diversas

24 A Era Yōwa 養和 corresponde ao ano de 1181.

rezas, sendo realizadas cerimônias esotéricas, sem que, no entanto, tivesse surtido qualquer efeito.

A capital dependia totalmente das províncias para o andamento do dia a dia, mas se vendo diante de uma grave crise de abastecimento, as pessoas não tinham mais como se importar com as aparências. Diante dessa situação insuportável, elas tentavam vender todos os objetos de valor por um preço irrelevante, mas não havia quem mostrasse interesse. Quando muito raramente alguém se dispusesse a fazer a troca de mercadorias, o ouro era desprezado, enquanto os cereais eram valorizados. Grande número de mendigos ocupavam o espaço ao longo das ruas e seus lamentos enchiam os ouvidos dos que por lá passavam.

7. O PRIMEIRO ANO SE ENCERROU

O primeiro ano se encerrou, assim, a duras penas. Quando se pensava que o ano seguinte seria de retomada, a epidemia veio se somar e a situação se tornou ainda mais grave, sem qualquer sinal de melhora. A situação das pessoas assoladas pela fome piorava a cada dia e se comparava ao peixe agonizante em água rasa. Chegou-se ao extremo de até mesmo as pessoas devidamente trajadas com chapéu e perneiras²⁵ passarem a mendigar de casa em casa. As pessoas assim debilitadas pareciam estar andando, mas, no instante seguinte, tombavam no chão. Incontável era o número de pessoas que morriam de fome próximas aos muros ou na beira das ruas. Não tendo como recolhê-las, o mau cheiro espalhava-se por todas as partes e, frequentemente,

25 Refere-se ao acessório de tecido com o qual se envolvia as canelas para protegê-las em caminhadas longas ou nas viagens.

era preciso desviar os olhos diante de cenas chocantes dos corpos em decomposição. O que dizer, então, de locais como a margem do rio, onde não havia sequer espaço para que cavalos e carruagens pudessem passar?

A população humilde ou os trabalhadores da montanha²⁶ estavam totalmente exauridos, causando até mesmo a escassez de lenha, e aqueles que não tinham com quem contar destruíam parte de suas próprias casas e as levavam ao mercado para vender. Dizia-se que o valor conseguido por uma pessoa não dava para o sustento de um dia. O mais estranho era que, no meio das lenhas, havia pedaços de madeira em que se via partes pintadas com laca vermelha ou com restos de folha de ouro, e a explicação para isso era que, não encontrando outra saída, as pessoas se dirigiam para velhos templos, furtavam as imagens budistas e, dilapidando o que havia no local, despedaçavam tudo. Por ter nascido neste mundo impuro e degradante,²⁷ tive que vivenciar acontecimentos tão deprimentes.

26 Refere-se à população humilde que vive nas montanhas como lenhadores, caçadores, carvoeiros.

27 Referência ao pensamento *Mappō* 末法, a era do fim da Lei de Buda, que conforme a escola budista ocorreria 1.500 ou 2.000 anos após a morte de Buda.

Houve também acontecimentos que causavam profunda pena. Esposa e marido inseparáveis, aquele cujo sentimento fosse maior e mais profundo, certamente morria primeiro. Isto porque, punha sempre o outro em primeiro lugar, pensando em seu bem-estar, e, nas raras vezes em que conseguia alimento, era oferecido para outra pessoa. Assim, entre pais e filhos, invariavelmente os pais morriam primeiro. Ainda, houve casos como o da criança de peito que, deitada ao lado da mãe, continuava a sugar seu seio, sem saber que ela já morrera.

8. O MONGE RYŪGYŌ DO TEMPLO NINNAJI

O monge Ryūgyō²⁸ do templo Ninnaji, extremamente condoído diante de todas aquelas mortes, tomava a cabeça de cada morto com que se deparrava e escrevia-lhes na testa, com o dedo, a primeira vogal da escrita sânscrita,²⁹ para encaminhá-los ao mundo de Buda. Desejando conhecer o número de mortos, fez a contagem nos quarto e quinto meses e contabilizou mais de 42.300 corpos, no espaço delimitado ao sul desde a Avenida Ichijō, ao norte desde Kujō, a oeste desde Kyōgoku e a leste desde Suzaku.³⁰ Nem é necessário dizer o quão grande foi o número de mortos nos períodos que antecederam e sucederam esses anos, e, se

28 Referência ao monge Ryūgyō 隆暁, nomeado monge superior do templo Tōji 東寺 da seita Shingon. Morreu em 1206, aos 72 (ou 73) anos.

29 Em determinadas seitas budistas, essa letra representa o princípio de todas as coisas e simboliza a imortalidade.

30 Corresponde à metade leste da Capital.

forem somados os corpos das margens do rio Kamogawa, da área de Shirakawa, do lado oeste e dos arredores da Capital, o número seria incalculável. O que dizer, então, sobre o total de mortos pelo país todo?

Dizem que foi provavelmente durante a era Chōjō,³¹ no reinado do ex-imperador Sutoku,³² que houve um exemplo precedente como esse, mas desconheço o real estado de coisas daquela época. Mas o que vi agora com meus olhos foi algo totalmente inacreditável.

31 Era Chōjō ou Chōshō 長承 corresponde ao período de 1132 a 1135

32 O imperador Sutoku (ou Shutoku) 崇徳 reinou no período de 1123-1141.

9. FOI AINDA PROVAVELMENTE NA MESMA ÉPOCA

Foi ainda provavelmente na mesma época que houve um terremoto apavorante. O tremor foi algo totalmente incomum. Montanhas desmoronaram, cobrindo rios; o mar se inclinou, inundando a terra. O solo se abriu, minando água; rochas se partiram, rolando vale abaixo. Barcos que remavam próximos à praia ficaram à mercê das ondas; cavalos que seguiam caminho não conseguiam firmar seus passos. Nas cercanias da capital, não houve uma edificação de templos ou santuários que não tivesse sofrido danos. Ora desabaram, ora tombaram. Pó e cinzas se erguiam como densa fumaça. O tremor de terra e o estrondo das casas ruindo soavam como trovões. Permanecendo no interior da casa, parecia que, no momento seguinte, seria esmagado. Correndo para fora, a terra se abria. Desprovido de asas, não tinha como voar pelo céu. Se fora um dragão, subiria nas nuvens. Compreendi que dentre as coisas aterrorizantes, a mais temível era o terremoto.

Esse tremor mais intenso não durou por muito tempo, mas abalos secundários sucederam-se intermitentes. Por dias consecutivos, tremores, que em situações normais seriam assustadores, aconteciam diariamente de vinte a trinta vezes. Passados dez, vinte dias, os intervalos foram se espaçando, ora quatro a cinco vezes, duas a três vezes, ou ainda em dias alternados, uma vez a cada dois, três dias, restando esses tremores secundários por cerca de três meses.

Dentre os quatro elementos,³³ a Água, o Fogo e o Vento sempre causam estragos, mas em se tratando da Grande Terra,³⁴ esta mantém-se firme, sem provocar grandes catástrofes. Antigamente, ao que parece na era Saikō,³⁵ houve um forte terremoto de consequências desastrosas, como a queda da cabeça do Buda do templo Tōdaiji,³⁶ mas nada que se compare à intensidade do recente terremoto. Na ocasião,

33 Segundo o Budismo, os quatro elementos são: a Terra, a Água, o Fogo e o Vento (ou Ar).

34 Seguindo o texto original, foi utilizado o termo *daichi* 大地, "Grande Terra", no lugar de "Terra", pois em comparação aos demais, a Terra constitui um elemento que tem ligação com tudo que é sólido, firme e estável.

35 Era Saikō 齊衡 refere-se ao período do reinado do imperador Montoku 文徳 (854 – 857).

36 Templo Tōdaiji 東大寺, do século VIII, abriga a estátua de Buda Vairocana, conhecido também como o Grande Buda de Nara, *Nara no Daibutsu* 奈良の大仏, com cerca de quinze metros de altura.

todos falavam sobre o vazio desta vida e pareciam amainar a impureza de suas almas, mas com o acumular dos dias e meses e o passar dos anos, não há nem mesmo quem se pronuncie sobre esse fato.

10. VIVER NESTE MUNDO É PENOSO

Viver neste mundo é penoso e a efêmera e fugaz condição do meu corpo e da minha moradia apresenta-se tal qual foi exposta. Desnecessário dizer que, conforme a circunstância, conforme a posição social, é impossível enumerar as inquietações de cada um.

Aquele que é humilde e mora próximo de uma família poderosa, ainda que se veja no momento de grande alegria, não lhe convém comemorar abertamente. Mesmo no momento de profunda tristeza, evitará chorar copiosamente. Suas ações do dia a dia ficam tolhidas. Viver temeroso constantemente lembra a figura do pardal que se aproxima do ninho do falcão.

Se um pobre mora ao lado de um rico, pela manhã e ao entardecer, constrange-se ao entrar e sair de casa, envergonhado de seu aspecto miserável. Seja ao ver a sua esposa e filhos ou empregados tomados de inveja, seja ao ouvir o

desprezo do vizinho rico, sente-se sempre angustiado, não tendo um momento de tranquilidade.

Quando se mora em um local aglomerado, não há como escapar do fogo, em caso de incêndio nas proximidades. Quando se mora em local afastado, o deslocamento torna-se difícil, havendo ainda grande perigo de assaltos.

Os poderosos são dominados pela ganância e os que vivem sós, menosprezados. Fortunas trazem grandes temores e a pobreza, muito ressentimento. Quando se depende dos outros, ficamos à sua mercê. Quando nos preocupamos com alguém, a ele nos afeiçoamos. Quando se vive conforme a sociedade, sentimo-nos tolhidos. Quando vivemos à margem, tomam-nos como alienados.

Onde morar, que tipo de vida levar para que possamos ter, mesmo que por alguns instantes, um pouco de tranquilidade?

11. HERDEI A CASA DE MINHA AVÓ PATERNA

Herdei a casa de minha avó paterna, e lá, morei por um longo tempo. Posteriormente, os laços se romperam, sucumbi frente às adversidades da vida e, assim, mesmo ligado àquela casa por inúmeras lembranças, tive que deixá-la. Com pouco mais de trinta anos, por minha conta, formei uma cabana.

Comparando-a com a antiga casa, tinha um décimo do seu tamanho. Pude montar apenas um espaço para minha morada, não alcançando construir outras dependências. Com muito custo, levantei um murado de barro, mas não tive como colocar um portão. Usando bambus como pilares, fiz um abrigo para a carroça. A cada nevada ou rajada de vento, o perigo rondava. Visto estar próximo ao rio, a inundação era frequente e a ameaça de salteadores preocupante.

Passei mais de trinta anos da minha vida padecendo neste mundo penoso e atormentado por inquietações. No

decorso desses anos, a cada contratempo ficava claro o meu desvalido destino. Foi então que, com a chegada das cinquenta primaveras, deixei a casa, afastei-me da sociedade e me tornei um retirado budista. Não tendo esposa ou filhos, não havia nada que eu lamentasse abandonar. Não possuía cargo público ou vencimentos. Haveria alguma coisa para me apegar? Vi passar cinco primaveras e outonos em vão, isolado no Monte Ōhara coberto pelas nuvens.

Aos sessenta anos, tal qual o orvalho faz sua derradeira pousada na folha, formei mais uma cabana. É como se um viajante construísse o seu abrigo para um pernoite ou um velho bicho-da-seda formasse o seu casulo. Esta cabana, comparada à casa que tive em meados da minha existência, não alcança a centésima parte de seu tamanho.

A idade avançava ano a ano e a morada estreitava-se cada vez mais. O aspecto dessa casa em nada se assemelhava às outras existentes neste mundo. Tinha apenas três metros de lado e mal alcançava os dois metros de altura. Como não pretendia me fixar, não me preocupei em fazer a escolha do terreno. Montei o alicerce, o telhado era uma tosca cobertura e as juntas do madeirame foram fixadas com metal. Isso para que facilmente eu pudesse me transferir para outro local, caso me deparasse com aborrecimentos. Quais contratempos demandaria a sua reconstrução? Para carregá-la, bastariam

duas carroças. Não teria nenhuma outra despesa além do pagamento do transporte.

12. AGORA, APÓS RETIRAR-ME PARA O INTERIOR DO MONTE HINO

Agora, após retirar-me para o interior do Monte Hino, puxei uma cobertura de cerca de um metro a leste, onde faço fogo com os gravetos. Ao sul, foi colocado um estrado de bambu; e a oeste deste, uma prateleira para as oferendas budistas; mais próximo ao norte, separadas por um anteparo móvel, repousa a imagem de Buda Amida³⁷ e, pendurada ao seu lado, a imagem de Bodhisativa Fugen,³⁸ diante das quais está colocado o Sutra do Lótus.³⁹ No extremo leste, brotos de samambaias secos forram o chão, de modo a

37 Refere-se a Amida Nyorai 阿弥陀如来 (Amitābha), o Buda do Paraíso da Terra Pura, *Gokuraku Jōdo* 極樂淨土.

38 Refere-se a Fugen Bosatsu 普賢菩薩 (Samantabhadra Bodhisatva), o qual é considerado o *bodhisativa* da compaixão e da beleza universal.

39 Refere-se ao sutra Hokekyō 法華經 (Myōhō Renguekyō 妙法蓮華經), o qual é um dos sutras mais importantes do Budismo Mahayana.

servir de leito à noite. A sudoeste, foi montada uma prateleira suspensa de bambu, para acomodar três cestos pretos. Estes são usados para guardar excertos de obras relativas à poesia waka,⁴⁰ à música ou a escritos budistas como *Ōjōyōshū*.⁴¹ Ao lado, recostados na parede, há um *koto* e um *biwa*.⁴² O *koto* é do tipo dobrável e o *biwa*, desmontável. Assim é a aparência da cabana provisória.

Com relação ao aspecto do lugar, ao sul, possui um conduto de água. Essa água fica depositada num reservatório feito de rochas dispostas verticalmente. Sendo próximo à mata, gravetos não faltam. O local se chama Toyama. Trepadeiras cobrem a trilha. O vale é formado por uma mata densa, mas é aberto a oeste.⁴³ Providencial, portanto, para realizar a mentalização do Paraíso da Terra Pura.

40 *Waka* 和歌, “poema japonês”, refere-se ao poema clássico japonês, normalmente ao *tanka* 短歌 “poema curto”, de 31 sílabas.

41 *Ōjōyōshū* 往生要集 é uma obra que reúne narrativas budistas relativas ao renascimento na Terra Pura. Foi escrita pelo monge budista Genshin 源信 (942–1017), em 985.

42 *Koto* 琴 e *biwa* 琵琶 são instrumentos de corda tradicionais muito apreciados desde a Antiguidade Japonesa. O *koto* é conhecido como “harpa horizontal japonesa”; e o *biwa* é um instrumento semelhante ao alaúde.

43 Referência à concepção budista do Paraíso da Terra Pura que ficaria na direção oeste.

13. NA PRIMAVERA, VÊ-SE O MAR DE GLICÍNIAS

Na primavera, vê-se o mar de glicínias. Sua deslumbrante floração a oeste, assemelha-se a nuvens violáceas.⁴⁴ No verão, ouve-se o canto do cuco. Cada vez que o ouço, busco acordar com ele a promessa de que me servirá de guia pelos caminhos desconhecidos do mundo pós-morte. No outono, o canto da cigarra inunda os meus ouvidos. Seu canto soa como um lamento diante desse efêmero mundo. No inverno, aprecio a neve, comovido. O seu contínuo processo de acúmulo e de degelo se compara à prática e à reparação das transgressões cometidas pelos homens.

44 A cor violeta da glicínia faz referência à nuvem violácea que se acredita existir no paraíso budista e também à nuvem que traz a comitiva de Buda Amida que vem buscar o moribundo para encaminhá-lo ao Paraíso da Terra Pura.

Quando pouco inclinado à invocação de Buda e sem inspiração para a leitura dos livros sagrados, permito-me um descanso e folgo por minha conta. Não há ninguém para me impedir, nem ninguém que me faça sentir envergonhado. O voto do silêncio não é intencional, mas estando só, preservo-me da ofensa causada pela boca. Mesmo não cumprindo necessariamente a obediência aos preceitos budistas, como transgredi-la se não se apresentarem as condições para isso?

Nas manhãs em que penso na efemeridade da minha existência, comparada no antigo poema “às ondas brancas / deixadas pelo rastro/do barco ao romper do dia”,⁴⁵ contemplo as embarcações que aportam ou partem de Okanoya, e busco inspiração em seu autor Manzei, compondo versos à sua maneira; nas tardes em que o vento faz soar as folhas de *katsura*,⁴⁶ meus pensamentos me levam ao rio Jin'yō,⁴⁷ e

45 Alusão a um poema de Shami Manzei 沙弥满誓, um dos poetas da coletânea *Man'yōshū* 万葉集, *Antologia Poética das Mil Folhas*, do século 8.

46 *Katsura* 桂 (*Cercidiphyllum japonicum*), também conhecida como *katsura* ou árvore caramelo.

47 Chōmei evoca o poeta chinês Bai Juyi (Hakukyoi 白居易 ou Hakurakuten 白樂天, 772–846) que em seu poema longo *Biwakō* 琵琶行, “Canção da pipa”, tem como cenário o rio Jin'yō 潯陽 (rio Yangtzé) e faz referência a uma tocadora de pipa, um tipo de *biwa* chinês.

eu executo o *biwa*, como fazia o mestre Gentotoku.⁴⁸ Se me sobra inspiração, executo ao *koto* a peça *Shūfūroku*,⁴⁹ harmonizando com o sibilar dos pinheiros; e ao som das águas entoo *Ryūsen*⁵⁰ ao *biwa*. A execução está longe de ser perfeita, mas não visa agradar aos ouvidos de ninguém. Toco só e poeta só, para o meu próprio conforto.

48 Minamoto Tsunenobu 源經信 (1016-1097), poeta e fundador da escola Katsura de *biwa*.

49 Peça musical do *Gagaku* 雅楽, música tradicional da corte imperial.

50 Peça musical para ser executada ao *biwa*.

14. HÁ, AINDA, NO SOPÉ DO MONTE, UMA RÚSTICA CABANA

Há, ainda, no sopé do monte, uma rústica cabana. É onde fica o guarda-florestal do lugar. Ali, mora um menino. Às vezes, vem me visitar. Quando me vejo entediado, saio a caminhar, tendo-o como companhia. Ele tem dez anos e eu, cá, os meus sessenta; a diferença de idade é enorme, mas os deleites são os mesmos.

Por vezes, arrancamos espigas de capim-sangue,⁵¹ colhe-mos arandos vermelhos,⁵² catamos propágulos⁵³ do inhame da montanha⁵⁴ ou apanhamos salsa.⁵⁵ Outras vezes, descemos para o arrozal no sopé da montanha e juntamos as espigas

51 Refere-se a tsubana ou chigaya 茅花 (*Imperata cylindrica* L.).

52 Refere-se a *iwashi* 岩梨 (*Vaccinium vitis-idaea*).

53 **Propágulo** é um tipo de broto que se desprende da planta de origem para gerar uma nova planta.

54 Inhame da montanha, *yamaimo* 山芋 (*Dioscorea japônica*).

55 Refere-se a *seri* 芹 (*Oenanthe javanica*).

caídas e as colocamos para secar. Nos dias ensolarados, subo a custo até o cume do monte, e avistando, ao longe, o céu da minha terra natal, vislumbro o monte Kohatayama, a vila Fushimi, Toba e Hatsukashi.⁵⁶ Os locais de belas paisagens não têm dono, o que me possibilita apreciá-los sem parcimônia.

Quando a caminhada não se faz penosa e há disposição para vencer uma longa distância, sigo a cumeada, transponho o monte Sumiyama, ultrapasso o monte Kasadori, e ora visito o templo Iwama, ora vou orar em Ishiyama. Faço ainda uma visita às ruínas ligadas ao Velho Semimaru⁵⁷ ou, abrindo caminho pelo campo de Awazu, visito o túmulo de Sarumaru Dayū,⁵⁸ atravessando o rio Tanakamigawa. No caminho de volta, conforme a estação, aprecio as cerejeiras, busco o colorido das folhas de outono, apanho brotos de samambaia ou colho frutos que ofereço a Buda ou levo como lembrança a ser consumida em casa.

Nas noites silenciosas, contemplo o luar da janela, recordo-me dos velhos amigos e, ao ouvir o grito dos símios, lágrimas umedecem minhas mangas. Os pirilampos

56 Os locais citados são topônimos poéticos, *uta makura* 歌枕, utilizados nos poemas *waka*.

57 Referência a Semimaru 蟬丸, um lendário virtuose do *biwa*.

58 Sarumaru Dayū 猿丸大夫, lendário poeta do início do período Heian (794–1192).

do matagal lembram as fogueiras dos pescadores da ilha de Makishima, e a chuva da madrugada soa como a ventania que sopra as folhas das árvores. Ao ouvir o canto do faisão-de-cobre, chego a pensar se não seria a voz de meu pai ou de minha mãe e, pela proximidade habitual do veado da cumeeira, vejo o quão distante me encontro do mundo. Outras vezes, ainda, revolvo a brasa encoberta pelas cinzas para me acompanhar a insônia da velhice. Não estando nas profundezas da montanha sombria, até mesmo o pio da coruja soa comovente; e as paisagens no interior da mata se renovam a cada estação. Nem é preciso dizer que, para as pessoas de profundo discernimento e sensibilidade, os sentimentos evocados não se restringiriam aos que ora citei.

15. A PROPÓSITO, QUANDO COMECEI A MORAR NESTE LUGAR

A propósito, quando comecei a morar neste lugar, pensei em permanecer pouco tempo, mas cinco anos se passaram. A cabana provisória tornou-se praticamente meu lar, com folhas secas acumuladas nos beirais e os alicerces cobertos de musgo. Segundo notícias da capital que eventualmente chegam aos meus ouvidos, depois que me retirei para esta montanha, houve o falecimento de muitas pessoas ilustres. Impossível saber, então, quantas se foram entre as pessoas de menor relevância. Quantas moradias não teriam sido consumidas pelos numerosos incêndios? Somente a cabana provisória segue tranquila, isenta do perigo. Restrito é o seu espaço, mas possui leito para dormida e lugar para me acomodar durante o dia. É o suficiente para abrigar o meu corpo. Os caranguejos-eremitas preferem as conchas menores. Isto porque conhecem a

si próprios para assim procederem. As águias-pescadoras⁵⁹ vivem em encostas escarpadas. Isso é porque temem os homens. Posso dizer o mesmo de mim. Conhecendo-me bem e também conhecendo o mundo, nada almejo, não me inquieto. Desejo somente a tranquilidade e o prazer que busco é o de não ter preocupações.

De qualquer modo, ao construírem suas moradias, as pessoas não o fazem pensando necessariamente em si. Uns constroem para a esposa, os filhos e os familiares; outros constroem para as pessoas chegadas ou para os amigos. Por vezes, podem construir para o senhor a quem servem, para o mestre ou até mesmo para guardar seus bens ou abrigar o boi e o cavalo. Eu montei a cabana pensando em mim, não a construí para os outros. A razão disso é que, na atual situação social e pessoal, não tenho ninguém com quem morar, nem empregados com quem contar. Mesmo que eu a construísse ampla, para quem ofereceria pernoite ou com quem a compartilharia?

59 Misago 鵟 (*Pandion haliaetus*) é também conhecida como águia-pesqueira, gavião-pescador, gavião-do-mar.

16. EM PRINCÍPIO, QUANDO SE TRATA DE AMIGOS

Em princípio, quando se trata de amigos, valoriza-se os abastados e se dá maior importância àqueles que se mostram amigáveis. Nem sempre se preza mais aqueles que são bondosos ou honestos. Nada melhor, então, do que ter como amigos a música e as belezas da natureza. Os criados priorizam os senhores que oferecem recompensas generosas e maiores privilégios. Não buscam, absolutamente, receber cuidados e consideração ou ter uma vida tranquila.

O melhor é, pois, fazer do seu próprio corpo o seu criado. Fazer do seu corpo seu criado significa mexer o próprio corpo, quando tiver algo para fazer. Pode ser cansativo, mas é melhor do que empregar alguém e se responsabilizar por ele. Se tiver que sair, anda-se com as próprias pernas. Pode ser penoso, mas não é preciso se aborrecer com o cavalo e a sela ou o boi e a carruagem.

Agora, dividi meu corpo e o uso para duas coisas. As mãos são minhas criadas e minhas pernas, o meio de locomoção; e elas me atendem a contento. Como minha mente conhece o sofrimento do corpo, poupo-o nos momentos difíceis e o utilizo quando bem disposto. Mesmo utilizando-o, não cometo excessos. Ainda que indisposto, não me inquieto. A habitual caminhada e o habitual labutar só podem trazer o bem-estar. Por que descansar em vão? Causar sofrimento aos outros é uma ação transgressora que resultará em carmas negativos. Por que, então, buscar ajuda alheia?

17. O MESMO PODE-SE DIZER QUANTO À VESTIMENTA E AOS VÍVERES

O mesmo pode-se dizer quanto à vestimenta e aos víveres. Com vestes tecidas com fibra vegetal ou roupas de dormida de cânhamo, cubro meu corpo com aquilo que está ao meu alcance, e me alimento de folhas tenras do áster⁶⁰ brotados no campo ou de frutos colhidos no cume da montanha em quantidade suficiente apenas para a sobrevivência. Como não mantenho uma vida social, não tenho porque me envergonhar da minha aparência. A escassez de comida me leva a apreciar o mais simples dos alimentos. Não estou absolutamente falando sobre esses prazeres com relação às pessoas de posse. Falo

60 Áster japonês refere-se a *ohagi* おはぎ, *Aster yomena*, *Kalimeris yomena*. As folhas tenras são comestíveis.

somente com relação à minha pessoa, comparando meu passado e meu presente.

Tudo neste mundo⁶¹ depende do nosso estado mental. Se a mente não estiver tranquila, elefantes, cavalos⁶² ou os mais valiosos e raros tesouros não terão nenhum valor, nem mesmo desejaremos possuir palácios ou mansões. No momento, vivo numa solitária morada, uma cabana de um só cômodo pelo qual tenho grande estima. Sinto-me envergonhado da minha aparência de mendicante quando, vez ou outra, vou para a capital, mas quando regresso para esse lugar, compadeço-me das pessoas que vivem preocupadas com as inquietações da vida mundana.

Caso as pessoas duvidem das minhas palavras, vejam como vivem os peixes e os pássaros. Os peixes não se cansam da água. Não sendo um peixe, não entenderá o que ele sente. Os pássaros buscam a mata. Não sendo um pássaro, não entenderá o que ele sente. O mesmo se dá com o prazer de morar no retiro. Sem morar no local, quem haverá de me entender?

61 Refere-se ao mundo em que ora vivemos. No Budismo, acredita-se que os seres passam durante o ciclo do renascimento por “três mundos”, *sangai* 三界.

62 Tanto o elefante como o cavalo são citados como bens preciosos em sutras, como no Sutra do Lótus.

18. POIS BEM, MINHA EXISTÊNCIA ESTÁ PERTO DO FIM

Pois bem, minha existência está perto do fim, tal qual a lua que se inclina, aproximando-se da linha da cumeada. Logo mais, partirei em direção aos Três Caminhos das Trevas.⁶³ Baseado em que, estarei eu a me queixar? O ensinamento de Buda dita o desapego a todas as coisas. A presente afeição pela cabana é também uma transgressão. Mesmo o apego à existência tranquila constitui um obstáculo à obtenção da Salvação. Por que dispende tão precioso tempo a falar sobre inúteis prazeres?

Numa silenciosa madrugada, pus-me a pensar sobre esta verdade e me perguntei: se me afastei do mundo e me embrenhei nas montanhas, foi para purificar a minha alma e

63 Refere-se aos três dos reinos, do Inferno, do Animal e dos Espíritos famintos, no total de seis, do ciclo de renascimento budista.

buscar o Caminho de Buda. Entretanto, tenho a aparência de um religioso, mas o meu coração está maculado. Pela morada, busco seguir os vestígios de Vimalakirti,⁶⁴ mas o que aqui alcancei sequer se compara às ações de Cudapanthaka.⁶⁵ Seria isso decorrente da minha desprezível existência anterior, ou ainda, teria eu perdido a capacidade de discernimento levado pelos sentimentos impuros? Quando assim me perguntei, o coração nada me respondeu. Valendo-me da língua, limitei-me a evocar o nome de Buda Amida por duas ou três vezes.

Datado do ano 2 da Era Kenryaku,⁶⁶ nos últimos dias do terceiro mês, o monge retirado Ren'in registrou o presente, na cabana de Toyama.

64 Um dos discípulos mais esclarecidos de Buda que viveu em retiro numa cabana.

65 Discípulo de Buda, conhecido pela sua indolência e estupidez, e que conseguiu alcançar a Iluminação após mudar a sua conduta.

66 Ano 2 da Era Kenryaku 建曆 corresponde ao ano de 1212.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASAMI, Kazuhiko. *Hōjōki. Ise Monogatari* (Hōjōki e Ise Monogatari). Tokyo, Ohfu, 2001.

ICHIKO, TEIJI. *Hōjōki. 9ª. ed, Tokyo, Iwanami Shoten, 2005.*

MIKI, Sumito. *Hōjōki*. Tokyo, Zōeisha, 1977.

TAKEDA, Kō. *Hōjōki Zenshaku* (Hōjōki — Tradução completa para a Língua Moderna e Comentários). Tokyo, Kasama Shoin, 1995.

<http://www.manabu-oshieru.com/daigakujuken/kobun/houjyouki/02.html>

https://www.aozora.gr.jp/cards/000196/files/975_15935.html

Traduzido por Giovane Rodrigues Silva

Formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, em 2008, com mestrado na mesma instituição sob o título Experiência, lógica e gramática. Um estudo sobre as condições empíricas da normatividade tais como apresentada na segunda filosofia de Wittgenstein. Em 2018, Silva se doutorou com a tese Criação de valores nas ilhas bem-aventuradas de Nietzsche. Atualmente, atua como tradutor de obras escritas em alemão, além disso, desenvolve trabalho acerca da História da Literatura Antiga de Nietzsche.



一 ゆく河の流れは絶えずして

ゆく河の流れは絶えずして、しかも、もとの水にあらず。

よどみに浮かぶうたかたは、かつ消え、かつ結びて、
久しくとどまりたるためしなし。世の中にある人と

すみかと、またかくのごとし。

たましきの都のうちに、棟を並べ、藁を争へる、高き

卑しき人のすまひは、世々を経て尽きせぬものなれど、

これをまことかと尋ねれば、昔ありし家はまれなり。

或は、去年焼けて今年作れり。或は、大家滅びて

小家となる。

住む人も、これに同じ。所もかはらず、人も多かれ

ど、いにしへ見し人は、一三十人が中に、わづかに一人

二人なり。朝に死に、夕に生るるならひ、ただ水の

泡にぞ似たりける。

知らず、生まれ死ぬる人、いづかたより来りて、いづ

かたへか去る。また知らず、仮の宿り、誰がためにか

心を悩まし、何によりてか、目を喜ばしむる。その主と

すみかと、無常を争ふさま、いはば、朝顔の露に異な

らず。或は、露落ちて花残れり。残るといへども、

あさひ か
朝日に枯れぬ。或は、あるい
花しほみて露なほ消えず。はな つゆ
消えずといへども、夕べを待つことなし。ゆう ま

二 予、ものの心を知れりしより

われ
予、もの的心こころを知れりしより、四十余よそちあまりの春秋はるあきを送おくれる間に、世よの不思議ふしぎを見ること、やや度々たびたびになりぬ。

いんじあんげんさんねんしくわつにじふはちにち
去安元三年四月廿八日かどよ、風激かぜはげしく吹ふきて、

静しづかならざりし夜よ、戌いぬの時ときばかり、都みやこの東南とうなんより、

火出ひいで来て、西北せいほくに至いたる。果はてには朱雀門すざくもん、大極殿たいごくでん、

だいがくれうみんぶしやう
大学寮だいがく、民部省みんぶしやうまで移うつりて、一夜いちやのうちに、塵灰ちりはひ

となりనికి。火元ほもとは樋口富小路ひぐちとみこうちとかや、舞人まひびとを宿やどせる

飯屋かりやより、出いで来きたりけるとなん。

ふ
吹まよき迷かぜふ風かぜに、とかく移うつりゆくほどに、扇あふせをひろげ

たるがごとく、末広すえひろになりぬ。遠とほき家いえは煙けぶりにむせび、

ちか
近ちかき辺あたりは、ひたすら焰ほのほを地ちに吹ふきつけたり。空そらに

は灰ひを吹ふき立たてたれば、火ひの光ひかりに映えいじてあまねく紅くれな

なる中なかに、風かぜに堪たへず、吹ふき切きられたる焰ほのほ、飛とぶが如ごと

くして、一二町いちにちやうを越こえつつ移うつりゆく。その中なかの人ひと、現うつ

し心こころあらむや。或あるは、煙けぶりにむせびて倒たふれ伏ふし、或あるは、

ほのほ
焰ほのほにまぐれてたちまちに死しぬ。或あるは、身み一つ辛からうじて

逃のがるるも、資財しせいを取り出いづるに及およはず、七珍万宝しちちんまんぼう、

さながら灰燼くわいじんとなりనికి。その費つひえ、いくそばくぞ。

そのたび、公卿くびやうの家いへ十六じふろく焼くけたり。まして、その外ほか、

かぞ
数かずへ知るに及およはず。すべて都みやこのうち、三分さんぶんが一いち

およびとぞ。男女死ぬるもの数十人、馬、牛のたぐひ
辺際を知らず。

人の営み、みな愚かなる中に、さしもあやふき京中
の家を作るとて、宝を費やし、心を悩ますことは、

すぐれてあぢきなくぞ侍る。

三また、治承四年卯月のころ

また治承四年卯月のころ、中御門京極のほどより、

大きな辻風おこりて、六条わたりまで、吹ける

こと侍りき。三四町を吹きまく間に、こまれる家ど

も、大きなるも小さきも、一つとして破れざるはなし。

さながら、平に倒れたるもあり。桁、柱ばかり残

れるもあり。門を吹き放ちて、四五町が外に置き、

また垣を吹き払ひて、隣と一つになせり。いはむや、

家のうちの資材、数を尽くして空にあり。檜皮、葺板

のたくひ、冬の木の葉の風に乱るるがごとし。塵を煙

のごとく吹き立てたれば、すべて目も見えず。おびた

たく鳴りどよむほどに、もの言ふ声も聞こえず。か

の地獄の業の風なりとも、かばかりにこそほどぞ覚ゆ

る。家の損じせするのみにあらず、これを取り繕ふ間

に、身をそこなひて、かたはづける人、数も知らず。

この風、未の方に移りゆきて、多くの人の歎きをなせり。

辻風は常に吹くものなれど、かかることやある。た

だごににあらず。さるべきものさとしか、なごぞ、

疑ひ侍りし。

四 また、治承四年水無月のころ

また、治承四年水無月のころ、にはかに都遷り侍り
き。いと思ひの外なりしことなり。

おほかた、この京のはじめを聞けることは、嵯峨の
天皇の御時、都と定まりにけるより後、すでに四百余
歳を経たり。ことなる故なくて、たやすく改まるべく
もあらねば、これを世の人、やすからず憂へあへる、
げにことわりにも過ぎたり。

されど、とかく言ふかひなくて、帝よりははじめ奉
りて、大臣、公卿みなことごとくうつろひ給ひぬ。世
に仕ふるほどの人、誰かひとり、故郷に残り居らむ。
官、位に思ひをかけ、主君のかげを頼むほどの人は、
一日なりとも、とくうつろはむと励み、時を失ひ、世
に余されて、期する所なき者は、憂へながらとまり居
り。軒を争ひし人のすまひ、日を経つつ荒れゆく。家
はこぼたれて淀川に浮び、地は目の前に畠となる。人
の心みな改まりて、ただ馬、鞍をのみ重くす。牛、車
を用する人なし。西南海の領所を願ひて、東北の莊園
をば好まず。

五 その時、おのづからことの便りありて

その時、おのづからことの便りありて、津の国の今

の京に至れり。所のありさまを見るに、その地、ほど

狭くて、条里を割るに足らず。北は山にそひて高く、南

は海に近くて下れり。波の音、常にかまびすしく、潮風

ことにはげし。内裏は山の中なれば、かの木の丸殿も

かくやと、なかなか様かはりて、優なるかたも侍りき。

日々にこぼち、川も狭に、運び下す家、いづくに作

れるにかあらむ。なほ空しき地は多く、作れる屋は少

なし。古京はすでに荒れて、新都はいまだ成らず。あ

りとしある人、みな浮雲の思ひをなせり。もとより

この所に居る者は、地を失ひて憂ふ。今移れる人は、

土木のわづらひあることを嘆く。道のほとりを見れ

ば、車に乗るべきは馬に乗り、衣冠、布衣なるべきは

多く直垂を着たり。都の手振りたちまちに改まりて、

ただひなびたる武士に異ならず。

世の乱るる瑞相とか聞けるもしるく、日を経つつ、

世の中浮き立ちて、人の心もをさまらず。民の憂へ、

つひに空しからざりければ、同じき年の冬、なほこの

京に帰り給ひにき。されど、こぼちわたせりし家ども

は、いかになりにけるにか、ことごとくもとのやうに
も作らず。

伝へ聞く、古の賢き御世には、あはれみをもつて国

を治め給ふ。すなはち、殿に茅葺きて、軒をだに整へず、

煙の乏しきを見給ふ時は、限りある貢ぎ物をさへ許され

き。これ、民を恵み、世を助け給ふによりてなり。今の

世の中のありさま、昔になぞらへて知りぬべし。

六 また、養和のころとか

また、養和のころとか、久しくなりて覚えず。二年
が間、世の中飢渴して、あさましきこと侍りき。或は
春、夏日照り、或は秋、大風、洪水などよからぬこと
どもうち続きて、五穀ことごとくならず。むなしく
春かへし、夏植うるいとなみありて、秋刈り、冬収む
るぞめきはなし。これによりて、国々の民、或は地を
捨てて堺を出で、或は、家を忘れて山に住む。さまざま
まの御祈はじまりて、なべてならぬ法ども行はるれ
ど、さらにそのしるしなし。

京のならひ、何わざにつけても、みなもとは、田舎
をこそ頼めるに、絶えて上るものなければ、さのみや
は操も作りあへむ。念じわびつつ、さまざまの財物、
かたはしより捨つるがごとくすれども、更に目見
たつる人もなし。たまたま換ふるものは、金を軽くし、
粟を重くす。乞食、路のほとりに多く、憂へ悲しむ
声、耳に満てり。

七 前の年、かくの如く

前の年、かくの如く、辛うじて暮れぬ。明るる年

は、立ち直るべきかと思ふに、あまりさへ、疫癘うち

そひて、まささまにあとかたなし。世の人、みなけい

しぬれば、日を経つつ、きはまりゆくさま、少水の魚の

たとへにかなへり。果てには笠うち着、足ひきつつみ、

よろしき姿したるもの、ひたすらに家ごとに乞ひ

歩く。かくわびしれたるものどもの、歩くかと思れ

ば、すなはち倒れ伏しぬ。築地のつら、道のほとりに

飢餓死ぬるものたぐひ、数も知らず。取り捨つるわ

ざも知らねば、臭き香、世界に満ち満ちて、変りゆく

かたち、ありさま、目もあてられぬこと多かり。いは

むや、河原などには、馬、車の行き交ふ道たになし。

あやしき賤、山がつも、力尽きて、薪さへ乏しくな

りゆけば、頼む方なき人は、みづからが家をこぼちて、

市に出でて売る。一人が持ちて出でたる価、一日が

命にだに及ばずとぞ。あやしきことは、薪の中に、

赤き丹つき、箔など所々見ゆる木、相交はりけるを

尋ぬれば、すべき方なき者、古寺にいたりて、仏を盗み、

堂の物の具を破り取りて割り砕けるなりけり。濁悪世に

しも生れあひて、かかる心憂きわざをなん見侍りし。

いとあはれなることも侍りき。さりがたき妻、をとこ
もちたるものは、その思ひまさりて深きもの、必ず先
立ちて死ぬ。その故は、わが身をば次にして、人をいた
はしく思ふ間に、まれまれ得たる食物をも、かれに譲
るによりてなり。されば、親子あるものは、定まれる
ことにて、親ぞ先立ちける。また、母の命つきたるを
知らずして、いとけなき子の、なほ乳を吸ひつつ伏せ
るなどもありけり。

八 仁和寺に隆暁法印といふ人

仁和寺に、隆暁法印といふ人、かくしつづ、数も

知らず死ぬることを悲しみて、その首の見ゆることに、

額に阿字を書きて、縁を結ばしむるわざをなむせられ

ける。人数を知らむとて、四五両月を数へたりければ、

京の中、一条より南、九条より北、京極より西、

朱雀よりは東の、道のほとりにある頭、すべて四万二

千三百余りなむありける。いはむや、その前後に死ぬ

るもの多く、また、河原、白河、西の京、もろもろの

辺地などを加へていはば際限もあるべからず。いかに

いはむや、七道諸国をや。

崇徳院の御位の時、長承のころかと、かかるためし

はありけりと聞けど、その世のありさまは知らず。ま

のあたり、めづらかなりしことなり。

九 また同じところかよ

また同じところかよ、おびたたく大地震ふること

侍りき。そのさま、世の常ならず。山は崩れて河を

埋み、海は傾きて陸地をひたせり。土さけて水わき出

で、巖割れて、谷にまろび入る。渚漕ぐ船は波にただ

よひ、道ゆく馬は足の立ちどをまどはず。都のほとり

には、在々所々、堂舎塔廟、一つとして全からず。或

は崩れ、或は倒れぬ。塵灰立ち上りて、盛りなる煙の

ごとし。地の動き、家の破る音、雷に異ならず。家

の内に居れば、たちまちにうちひしげなんとす。走り

出づれば、地割れ裂く。羽なければ、空をも飛ぶべから

ず。童ならばや、雲にも乗らむ。恐れの中に、恐るべ

かりけるは、ただ地震なりけりところ覚え侍りしか。

かくおびただしくふることは、しばしにて、止みに

しかども、そのなごり、しばしは絶えず。世の常驚く

ほどの地震、二三十度ふらぬ日はなし。十日、廿日

過ぎにしかば、やうやう間遠になりて、或は四五度、

二三次、もしくは一日まぜ、二三日に一度など、おほか

たそのなごり、三月ばかりや侍りけむ。

四大種の中に、水、火、風は、常に害をなせど、大

地にいたりては、ことなる変をなさず。昔、斉衡のこ

るとか、大地震おほなみふりて、東大寺とうだいじの仏ほとけの御頭みぐしお落ちなど、
いみじきことども侍りけれど、なほこの度たびにはしかず
とぞ。すなはち、人ひとみなあぢきなきことを述べて、い
ささか心の濁りにごりもうすらぐと見えしかど、月日つきひ重かさな
り、年経としへにし後は、ことばにかけて言いひ出いづる人ひとだに
なし。

十 すべて世の中のありにくく

すべて世の中のありにくく、わが身とすみかとは
かなくあだなるさま、またかくのごとし。いはむや、
所により、身のほどにしたがひつつ、心を悩ます
ことは、あげて数ふべからず。

もし、おのれが身数ならずして、権門のかたはらに
をるものは、深くよろこぶことあれども、大きに樂し
むにあたはず。嘆き切なる時も、声をあげて泣くこと
なし。進退やすからず、立居につけて恐れをのくさ
ま、たとへば、雀の鷹の巢に近づけるがごとし。

もし貧しくして、富める家の隣に居るものは、朝夕
すばき姿を恥ぢて、へつらひつつ出で入る。妻子、
僮僕のうらやめるさまを見るにも、福家の人の、ない
がしろなるけしきを聞くにも、心念々に動きて、時
として安からず。

もし、狭き地に居れば、近く炎上ある時、その災を
のがるることなし。もし辺地にあれば、往反わづらひ
多く、盜賊の難はなはだし。

また、勢ひある者は、貪欲深く、ひとり身なる者
は、人に輕めらる。財あれば恐れ多く、貧しければ恨
み切なり。人を頼めば、身、他の有なり。人をはぐく

めば、心こころ、恩愛おんあいに使つかはる。世よにしたがへば、身苦みくるし。

したがはねば、狂きやうせるに似にたり。

いづれの所ところを占しめて、いかなるわざをしてか、しば

しもこの身を宿やどし、たまゆらも心こころを休やすむべき。

十一 わが身、父方の祖母の家を伝へて

わが身、父方の祖母の家を伝へて、久しくかの所に

住む。その後、縁欠けて、身衰へ、しのぶかたがたしげ

かりしかど、つひにあととむることをえず。三十あま

りにして、さらにわが心と一つの庵を結ぶ。

これをありすまひに並ぶるに、十分が一なり。居

屋ばかりをかまへて、はかばかしく屋を作るに及ば

ず。わづかに築地を築けりといへども、門を建つるた

づきなし。竹を柱として、車やどせり。雪降り、風

吹くごとに、危ふからずしもあらず。所、河原近けれ

ば、水の難も深く、白波の恐れも騒がし。

すべてあられぬ世を念じ過ぐしつ、心を悩ませる

こと、三十余年なり。その間、折々のたがひめ、おの

づから短き運を悟りぬ。すなはち、五十の春を迎へて

家を出で、世を背けり。もとより妻子なければ、捨て

がたきよすがもなし。身に官祿あらず。何につけてか

執を留めむ。むなく、大原山の雲に伏して、また五

かへりの春秋をなん経にける。

ここに、六十の露消えがたに及びて、さらに末葉の

宿りを結べることあり。いはば旅人の一夜の宿りをつ

くり、老いたる蚕の繭を営むがごとし。これを中ごろ

のすみかに並ぶれば、また百分が一に及ばず。

とかくいふほどに、齢は歳々に高く、すみかは折々

に狭し。その家のありさま、世の常にも似ず。広さは

わづかに方丈、高さは七尺がうちなり。所を思ひ定め

ざるが故に、地を占めて作らず。土居を組み、うちお

ほひを葺きて、継目ごとにかねをかけたなり。も

し、心にかなはぬことあらば、やすく外に移さむがた

めなり。その改め作ること、いくばくのわづらひかあ

る。積むところわづかに二両。車の力を報ふほかは、

さらに他の用途いらす。

十二 今、日野山の奥に跡を隠してのち

今、日野山の奥に跡を隠してのち、東に三尺余りの
庇をさして、柴折りくふるよすがとす。南、竹の簀子
を敷き、その西に閑伽棚を作り、北に寄せて、障子を
隔てて、阿弥陀の絵像を安置し、そばに普賢をかき、
前に法華経置けり。東の際に蕨のほどもを敷きて、
夜の床とす。西南に竹の吊り棚構へて、黒き皮籠三合
を置けり。すなはち、和歌、管絃、往生要集ごとき
の抄物を入れたり。かたはらに、琴、琵琶、おのおの
一張を立つ。いはゆる折琴、継琵琶これなり。仮の庵
のありやう、かくのごとし。

その所のさまをいはば、南に筧あり。岩を立てて、
水をためたり。林の木近ければ、爪木を拾ふに乏しか
らず。名を外山といふ。まさきのかづら、跡うづめり。
谷しげけれど、西晴れたり。観念のたより、なきに
しもあらず。

十三 春は、藤波を見る

春は藤波を見る。紫雲のごとくにして、西方に
ほふ。夏は郭公を聞く。語りふごとに、死出の山路
を契る。秋はひぐらしの声耳に満てり。うつせみの
世を悲しむかと聞ゆ。冬は、雪をあはれぶ。積もり
消ゆるさま、罪障にたとへつべし。

もし、念仏ものうく、読経まめならぬ時は、みづか
ら休み、みづから怠る。妨ぐる人もなく、また恥づべ
き人もなし。ことさらに無言をせざれども、ひとり居
れば、口業を修めつべし。必ず禁戒を守るとしもなく
とも、境界なければ、何につけてか破らん。

もし、跡の白波に、この身を寄する朝には、岡の屋
に行きかふ船をながめて、満沙弥が風情を盗み、もし
桂の風、葉をならす夕には、潯陽の江を思ひやりて、
源都督の行ひをならふ。もし余興あれば、しばしば松
の響きに秋風樂をたぐへ、水の音に流泉の曲をあやつ
る。芸はこれつたなければども、人の耳をよるこぼし
めむどにはあらず。ひとり調べ、ひとり詠じて、みづ
から情を養ふばかりなり。

十四 また、ふもとに一つの柴の庵あり

またふもとに、一つの柴の庵あり。すなはち、この

山守がをる所なり。かしこに小童あり。時々来りて、

あひとぶらふ。もし、つれづれなる時は、これを友と

して遊行す。かれは十歳、これは六十、その齡ことの

ほかなれど、心を慰むること、これ同じ。

或は茅花をぬき、岩梨をとり、零余子をもり、芹を

つむ。或はすそわの田居にいたりて、落穂を拾ひて、

穂組を作る。もし、うららかなれば、峰によち上り

て、はるかにふるさとの空を望み、木幡山、伏見の

里、鳥羽、羽束師を見る。勝地は主なければ、心を慰

むるにさはりなし。

歩みわづらひなく、心遠くいたる時は、これより峰

つづき炭山を越え、笠取を過ぎて、或は石間に詣で、

或は石山を拝む。もしはまた、粟津の原を分けつつ、

蟬丸の翁が跡をとぶらひ、田上川を渡りて、猿丸大夫

が墓をたづぬ。帰るさには、をりにつけつつ、桜を狩

り、紅葉を求め、蕨を折り、木の実を拾ひて、かつは

仏に奉り、かつは家づとにす。

もし、夜静かなれば、窓の月に故人をしのび、猿の

声に袖をうるほす。くさむらの蛸は、遠く槿のかがり

火にまがひ、暁の雨は、おのづから木の葉吹く風に

似たり。山鳥のほろと鳴くを聞きても、父か母かと

疑ひ、峰のかせぎの近くなれたるにつけても、世に遠

ざかるほどを知る。或はまた、埋み火をかきおこし

て、老の寢覚の友とす。恐ろしき山ならねば、ふくろ

ふの声をあはれむにつけても、山中の景気、折につけ

て尽くることなし。いはむや、深く思ひ、深く知らむ

人のためには、これにしも限るべからず。

十五 おほかた、この所に住みはじめし時は

おほかた、この所に住みはじめし時は、あからさま

と思ひしかども、今すでに五年を経たり。飯の庵もや

やふるさとなりて、軒に朽葉深く、土居に苔むせ

り。おのづから、ことの便りに都を聞けば、この山

にこもり居てのち、やむごとなき人のかくれ給へるも

あまた聞ゆ。まして、その数ならぬたぐひ、尽くし

てこれを知るべからず。たびたびの炎上にほろびたる

家、またいくそばくぞ。ただ飯の庵のみ、のどけくし

て恐れなし。程狭しといへども、夜臥す床あり、昼居

る座あり。一身を宿すに不足なし。かむなは、小さき

貝を好む。これ身を知れるによりてなり。みさごは、荒

磯に居る。すなはち、人を恐るるが故なり。われまた

かくのごとし。身を知り、世を知れば、願はず、わ

しらず。ただ静かなるを望みとし、憂へなきを樂しむ

とす。

すべて世の人のすみかを作るならひ、必ずしも身

のためにせず。或は、妻子、眷属のために作り、或

は、親昵、朋友のために作る。或は、主君、師匠、

及び財宝、牛馬のためにさへこれを作る。われ今、

身みのためにもすべり、人ひとのために作つくらず。ゆゑいかん
となれば、今いまの世よのならひ、この身みのありさま、とも
なふべき人ひともなく、たのむべき奴やつこもなし。たとひ、
広ひろく作つくれりとも、誰たれを宿やどし、誰たれをか据すゑん。

十六 それ、人の友とあるものは

それ、人の友とあるものは、富めるをたふとみ、ねん

ごろなるを先とす。必ずしも情あると、すなほなる

とをば愛せず。ただ、糸竹、花月を友とせんにはしか

じ。人の奴たるものは、賞罰はなはだしく、恩顧

あつきを先とす。さらに、はぐくみあはれむと、やすく

しづかなるをば願はず。

ただわが身を奴婢とするにはしかず。いかが奴婢と

するならば、もしなすべきことあれば、すなはち、

おのが身をつかふ。たゆからずしもあらねど、人を従

へ、人をかへりみるよりやすし。もし、歩くべきこと

あれば、みづから歩む。苦しといへども、馬、鞍、

牛、車と心を悩ますにはしかず。

今、一身をわかちて、二つの用をなす。手の奴、足

の乗物、よくわが心になへり。身、心の苦しみを知

れば、苦しむ時は休めつ、まめなれば使ふ。使ふと

ても、たびたび過ぎず。ものうしとても心を動かす

ことなし。いかにいはむや、常に歩き、常に働くは、

養性なるべし。なんぞいたづらに休みをらん。人を悩

ます、罪業なり。いかが他の力を借るべき。

十七 衣食のたぐひ

衣食のたぐひ、また同じ。藤の衣、麻の衾、得るに
したがひて、肌を隠し、野辺のおはぎ、峰の木の実、
わづかに命を継ぐばかりなり。人に交はらざれば、姿
を恥づる悔もなし。糧乏しければ、おろそかなる報を
あまくす。すべてかやうの楽しみ、富める人に対して
いふにはあらず。ただわが身一つにとりて、昔と今と
をなぞらふるばかりなり。

それ、三界はただ心一つなり。心もしやすからず
は、像馬、七珍もよしなく、宮殿、樓閣も望みなし。
今さびしきすまひ、一間の庵、みづからこれを愛す。
おのづから都に出でて、身の乞匄となれることを恥づ
といへども、帰りてここに居る時は、他の俗塵に馳す
ることをあはれむ。

もし、人、この言へることを疑はば、魚と鳥との有
様を見よ。魚は水に飽かず。魚にあらざれば、その心
を知らず。鳥は林を願ふ。鳥にあらざれば、その心
を知らず。閑居の気味もまた同じ。住まずして、誰か悟
らん。

十八　そもそも、一期の月影傾きて

そもそも、一期の月影傾きて、余算の山の端に近

し。たちまちに三途の闇に向かはんとす。何のわざを

かかこたむとする。仏の教へ給ふ趣は、事にふれて

執心なかれとなり。今、草庵を愛するも、閑寂に着する

も、さはりなるべし。いかが要なき楽しみを述べて、

あたら時を過ぎむ。

静かなる暁、このことわりを思ひつけて、みづから

心に問ひていはく、「世を遁れて、山林にまじはる

は、心をさめて道を行はむとなり。しかるを、汝、

すがたひじり、心は濁りに染めり。すみかは、すなは

ち、浄名居士の跡をけがせりといへども、たもつとこ

ろは、わづかに周梨槃特が行ひにだに及ばず。もしこ

れ、貧賤の報いの、みづから悩ますか、はたまた、妄

心のいたりて狂せるか。」そのとき、心さらに答ふるに

となし。ただかたはらに舌根をやとひて、不請阿弥陀仏、

両三遍申してやみぬ。

時に建暦の二年、弥生の晦日ごろ、桑門蓮胤、外山の

庵にして、これをしるす。

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)